

A OBRA DE MARGARET MEE E SUA PROVÁVEL RELAÇÃO COM OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ALEXANDER VON HUMBOLDT

Elsbeth Léia Spode Becker
Centro Universitário Franciscano
elsbeth.geo@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: EPISTEMOLOGIA EM GEOGRAFIA FÍSICA.

RESUMO

O texto evidencia a trajetória de Margaret Mee e sua arte botânica em relação às flores da Amazônia com o intuito de investigar as prováveis relações com os procedimentos metodológicos de Humboldt. Busca-se, enfocar, as concepções metodológicas de Humboldt sobre a natureza em seu universo de estudo. Por outro lado, mais detidamente, procura-se apontar as possíveis semelhanças nos procedimentos metodológicos de Mee nos registros da botânica da Amazônia e, por fim, relacionar os registros antropológicos de ambos a fim de destacar a sensibilidade para com os povos nativos. A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa. Conclui-se que Humboldt foi um daqueles estudiosos cuja importância ultrapassa os domínios temporais de sua época e espaciais da sociedade em que viveu. De forma similar, a obra de Margaret Mee transforma-se em uma cruzada apaixonada pela preservação do ambiente frágil da Amazônia. Alexander Von Humboldt e Margaret Mee jamais perderam o entusiasmo pelo trabalho de campo e não mediram esforços para registros em diários e desenhos que auxiliaram na catalogação de novas espécies em áreas remotas da Amazônia. Assim como Alexander Von Humboldt, Margaret Mee utilizou-se da intuição como principal técnica de análise criando uma interação entre observador e objeto e, a delicada pintora de orquídeas, retratou a flora usando técnicas científicas em um contexto artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza; Amazônia; Observação; Contemplação; Intuição.

ABSTRACT

The paper highlights the career of Margaret Mee and her botanical art about the flowers of the Amazon in order to investigate the probable relationship with the methodological procedures of Humboldt. The focus is the methodological conceptions about the nature of Humboldt in his universe of study and to show the possible similarities in the Mee's methodological procedures records of the Amazon botany, and finally, the anthropological record relate both to highlight the sensitivity to native peoples. The methodology is based solely on state of the art in view of qualitative research. It was concluded that Humboldt was one of those scholars whose importance goes beyond the temporal domains of his time and space of the society in which he lived. Similarly, the work of Margaret Mee turns into a passionate crusade to preserve the fragile environment of the Amazon. Alexander Von Humboldt and Margaret Mee never lost their enthusiasm for field work and spared no effort to record in diaries and drawings that helped cataloging new species in remote areas of the Amazon. As Alexander von Humboldt, Margaret Mee made use of intuition as the main technique of analysis by creating an interaction between observer and object, and the delicate orchid painter depicted the flora using scientific techniques in an artistic context.

KEYWORDS: Nature, Amazon, Observation, Contemplation, Intuition

1. INTRODUÇÃO

Alarmante nas águas, estonteante na terra, faiscante na luz, surpreendente na flora, prodigiosa em tudo, a Amazônia possui inúmeros encantamentos que despertaram o interesse de grandes cientistas, entre eles, Alexander von Humboldt e Margareth Mee.

Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista alemão, e Margareth Mee (1909-1988), botânica inglesa, não foram contemporâneos, porém, ambos vivenciaram o contexto do mundo moderno e da ciência sob as luzes da razão e do pensamento racional e linear. Humboldt e Mee, no entanto, empreenderam uma consciência de natureza que decorre de uma intuição de sistemas não-lineares e, durante suas vidas, desenvolveram aproximações em seus universos de estudos científicos: a contemplação da natureza e o especial interesse pela Amazônia. Essas aproximações provavelmente dizem respeito aos procedimentos metodológicos adotados por Humboldt e por Mee.

Desse modo, busca-se responder a questão problema: a obra de Margareth Mee tem uma provável relação com os procedimentos metodológicos de Humboldt? A problematização, a formulação das hipóteses e a justificativa para esta abordagem é desencadeada a partir de uma das primeiras questões, talvez a mais importante, que poderia aproximar Mee de Humboldt e que diz respeito à prática do trabalho de campo.

Humboldt foi o precursor na realização de um trabalho de campo sistemático, no qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem, buscando na sua contemplação fazer a ligação do particular com o que pode ser encontrado de mais geral.

Na esteira do trabalho de campo, a segunda questão que poderia relacionar a obra de Mee aos procedimentos metodológicos de Humboldt diz respeito a observação, a contemplação e a intuição. Humboldt privilegiava a intuição durante o trabalho de campo, que seria desencadeada a partir do primeiro contato que o observador mantém com a paisagem. A simples observação da natureza produz no observador uma gama de sensações, que quando, recorrida a sua subjetividade, consegue definir os encadeamentos da totalidade.

E a terceira questão que poderia relacionar a obra de Mee aos procedimentos metodológicos de Humboldt são os recursos técnicos. Os principais recursos utilizados por Humboldt eram as anotações na caderneta de campo, as ilustrações (desenhos) e os comentários no diário.

Humboldt realizou inúmeros trabalhos de campo durante sua vida e, assim como Mee, dedicou especial encantamento pela Amazônia. Ambos mantiveram interesses sobre a diversidade cultural dos povos que encontraram em suas expedições e, nesse sentido, uma questão importante em Humboldt diz respeito ao fato de empreender especial interesse em compreender a língua e os hábitos dos povos que ele estudava.

O legado de Margaret Mee, seus comentários sobre flores, pássaros e animais da Amazônia e, especialmente, a fascinação e a paixão que a botânica desenvolveu ao tomar notas em seu diário desde a primeira expedição em 1956 justificam a tentativa de relacionar a sua obra com o método de um dos maiores cientistas da natureza.

O objetivo deste estudo é evidenciar a trajetória de Margareth Mee e sua arte botânica em relação às flores da Amazônia com o intuito de investigar as prováveis relações com os procedimentos metodológicos de Humboldt.

2. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações entre obras de autores de diferentes épocas temporais ou contemporâneos. Estabelecer uma relação entre obras exige uma sensibilidade para o estudo empírico das questões de cada autor, pois o enfoque precisa “ser limitado em termos locais, temporais e situacionais” (FLICK, 2009).

As perspectivas na pesquisa qualitativa e seus pontos específicos de partida podem ser expostos no seguinte esquema, conforme demonstra a figura 1.

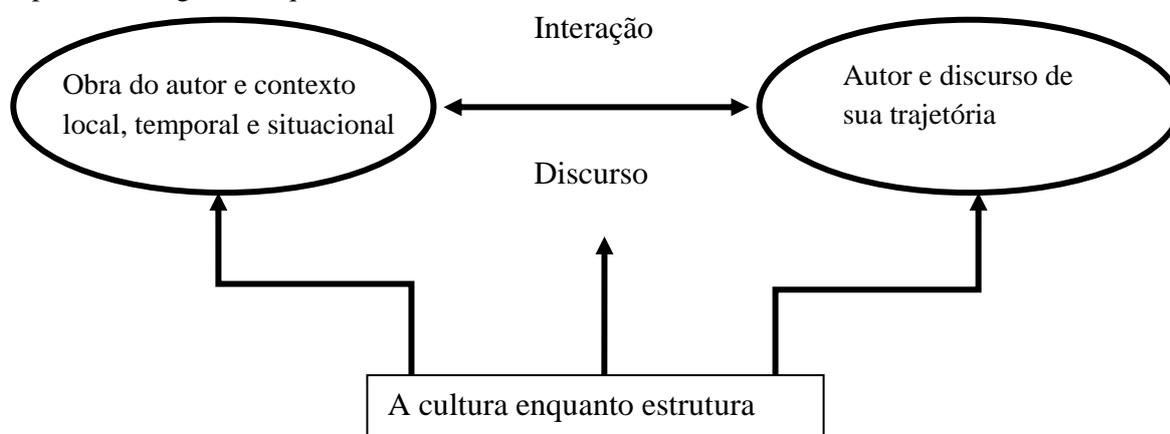


Figura 1. Perspectivas na pesquisa qualitativa.

Fonte: FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed. 2009. p. 75 (adaptado)

Na primeira perspectiva, parte-se do autor e de sua obra escolhida em uma situação de estudo e dos significados que estudo representa para o autor. O contexto situacional, as interações sociais e culturais são analisadas a partir dos significados subjetivos descritos pelo autor em seu relato. Para esta perspectiva parte-se de Margareth Mee e de sua obra ‘Flores da Amazônia’ (2009).

Na segunda perspectiva, parte-se, também, do autor sem, no entanto, analisar uma obra específica, estudando-se o discurso de toda a sua trajetória e do legado para a sistematização da Geografia. Para esta perspectiva parte-se do discurso de Alexander Von Humboldt.

Na terceira perspectiva, analisa-se as regras implícitas ou inconscientes que regem cada autor. O foco principal está na cultura pertinente e na estrutura e regras que ela oferece para cada autor em seu local, tempo e situação. Essa triangulação permite combinar o foco sobre o fenômeno que se quer abordar e estabelecer a provável relação nos procedimentos metodológicos de Margareth Mee de Alexander Von Humboldt.

3. ESTADO DA ARTE

3.1 Prefácio de Alexander von Humboldt e a valorização da observação e da contemplação na descrição da paisagem

Alexander von Humboldt nasceu em 1769, na cidade de Berlim, no reino da Prússia e faleceu em 1859. Originário de uma família da nobreza prussiana teve uma educação rígida e uma formação eclética.

Humboldt adquiriu intenso conhecimento de geologia, mineralogia e botânica e interessou-se, especialmente, pela história natural. Tornou-se adepto das concepções pedagógicas de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e escritor francês, como por exemplo, a prática de observação direta da natureza e a realização de expedições como a melhor forma de desenvolver o conhecimento.

Com Johann Friedrich Blumentbach (1752-1840), naturalista e antropólogo alemão, desenvolve seu interesse pela Botânica e Geologia e inicia-se na prática da observação itinerante por meio de excursões.

No entanto, é no contato e na convivência com Georg Forster (1754-1794) e seu pai Johann Reinhold Forster (1729-1798), naturalista alemão, que Humboldt desenvolve o espírito incondicional para as viagens como método para a pesquisa de campo. Provavelmente tenha sido pelo entusiasmo dos Forster's pelas expedições que Humboldt desenvolveu a metodologia do trabalho de campo.

A valorização da observação e da contemplação da paisagem durante o trabalho de campo foram influências que Humboldt recebeu de Johann von Goethe (1749-1832), escritor alemão, com quem Humboldt herda ainda a questão da valorização da estética enquanto campo filosófico que trabalha com a intuição, fazendo a mediação entre sujeito-objeto.

Goethe, o precursor do Romantismo Alemão, teorizou sobre o intelecto humano a partir dos gregos, especialmente, em Aristóteles.

Aristóteles (384-322 a.C.) distinguia sete formas ou graus para alcançar o conhecimento: sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. O conhecimento seria formado pela acumulação de dados e informações e enriquecido com as seis fases e a última fase seria o pensamento

sobre o objeto. Em cada fase o observador teria acesso a um aspecto do ser ou da realidade e, na intuição intelectual, alcançaria o conhecimento pleno e total da realidade, que segundo Aristóteles seria “o ser enquanto ser” (CHAUÍ, 2000).

Para “o ser enquanto ser” de Aristóteles, o poeta alemão Goethe, exprime que o intelecto humano conhece a inteligibilidade do mundo, alcança a racionalidade do real e pode pensar a realidade porque nós e ela somos feitos da mesma maneira, com os mesmos elementos e com a mesma inteligência.

Para Goethe, a realidade é a natureza e dela fazem parte os humanos e as instituições humanas. Por sua participação na natureza, os humanos podem conhecê-la, pois são feitos dos mesmos elementos que ela e participam da mesma inteligência que a habita e a dirige.

Segundo Ricotta (2003) Humboldt busca associar o sentido da realidade por meio de uma observação reflexiva que é resultado da conjugação investigativa entre a experiência científica com a apreensão com o conteúdo genérico e quantitativo e a experiência estética do singular e empírica.

Humboldt propôs o “empirismo raciocinado”, isto é, desenvolveu a intuição a partir da observação. No método humboldtiano, o cientista deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética e a paisagem causaria, no observador, uma “impressão” que, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: a causalidade das conexões contidas na paisagem observada (BECKER, 2006).

A unidade do pensamento entre o orgânico e o inorgânico na visão holística de um Cosmos Universal e o papel da arte e da ciência ao sintetizarem o ‘absoluto’ na obra de Alexander von Humboldt e tornaram-no um filósofo natural que é reconhecido, junto com Karl Ritter (1779-1859), como o sistematizador da Geografia. Humboldt ainda é reconhecido por suas contribuições nos campos da Biologia, Botânica, Geologia, Climatologia e Antropologia (na história da América Espanhola).

Humboldt também estabeleceu influências de outros pensadores de sua época como Friedrich von Schelling (1775-1854), Georg Hegel (1770-1831) e Gottfried von Herder (1744-1803).

As técnicas de análise privilegiadas por Humboldt foram olhar, observar, descrever e representar. A observação (a partir da contemplação), a descrição (com intuição) e a representação (por meio do desenho). Para Humboldt o olhar empírico do conhecimento científico não é menos importante que a experiência estética do observador. Ambos constituem uma totalidade em que as finalidades científica e literária desempenham uma comunicação resultante da íntima relação do homem com a natureza.

Segundo Ricotta (2003), nas obras de Humboldt ‘Quadros da Natureza’ e ‘Cosmos’ ocorre a expressa construção de um olhar científico sobre o fenômeno natural que, em última instância, reflete uma realidade físico-espacial em linguagem estética, paisagística, onde há a influência do romantismo alemão de Goethe.

Esta influência representa, na formação de conceitos e da metodologia científica reflexiva de Humboldt, um caminho diverso do empreendido pelo racionalismo de Francis Bacon (1561-1626) e de René Descartes (1596-1650), na ciência da natureza.

A apreensão reflexiva da realidade faz convergir a totalidade entre o fenômeno (a paisagem) e o sujeito (o observador) capaz de interpretar a comunhão íntima do homem com a natureza. Ricotta (2003) descreve a formação de uma imagem mental advinda da apreciação reflexiva intitulada, por Humboldt, de cosmovisão em que o espírito humano está imerso junto aos fenômenos físicos no tempo e no espaço.

Não existe, portanto, uma descrição puramente científica de caráter empírico ou uma experiência puramente estética de caráter sensorial e intuitivo na perspectiva analítica de Humboldt. Existe a união entre as relações da ciência e da imaginação.

O esforço *suis generis* de Humboldt na construção do conhecimento por meio da descrição de dados coletados, segundo Ricotta (2003), reside na contemplação e na valorização da imaginação e do caráter intuitivo, com o apoio de imagens e símbolos, para comunicar plenamente os fenômenos da natureza.

Este esforço é percebido na vértebra das obras de Humboldt, principalmente, quando descreve os elementos da paisagem, interpretando-os de uma maneira extremamente poética e extraindo a visão de harmonia da natureza somadas as emoções do espírito humano. Nos relatos de Humboldt (1848a:76) apud ALVES (2005) encontra-se o seguinte registro sobre seu pensamento: *“a ciência é o espírito aplicado a natureza, mas o mundo exterior só passa a existir para nós no momento em que, pela via da intuição se reflete no nosso interior”*.

3.2 Alexander von Humboldt e a expedição na América Espanhola

Humboldt juntamente com o botânico Aimé Bonpland (1773-1858) empreenderam uma expedição científica pela América, entre 1799 e 1804, abrangendo a região equinocial do Novo Mundo e percorreu países como a Venezuela, Cuba, Colômbia, equador, Peru e México. A expedição pela América Espanhola foi autorizada pelo rei da Espanha, Carlos IV, balizada pela reputação científica de Humboldt e pela sua habilidade com a língua espanhola. Essa viagem, destinada à obtenção de novos conhecimentos sobre o Mundo Novo para a Europa foi financiada com recurso da herança materna de Humboldt e tinha exclusivamente objetivos científicos.

A permanência de cinco anos na América constituiu um marco no trabalho científico de Humboldt. Nesse período produziu um vasto material cartográfico das regiões visitadas, levantou e catalogou sistematicamente os mais variados fenômenos geográficos de temperatura, umidade, rochas e, especialmente, a catalogação da abrangente coleção de muitas espécies botânicas. A floresta exuberante e sempre verde dos trópicos equatoriais foi denominada de ‘Hilaea’ (Hileia) por Humboldt

que utilizou a nomenclatura de Heródoto (484-425 a.C.), termo erudito para designar a região botânica existente nas selvas da Amazônia.

As pesquisas e a vida de Humboldt, no entanto, não se limitavam às expedições e viagens. Sua carreira teve continuidade na Alemanha e chegou até o final de sua vida lecionando em importantes universidades.

3.3 Prefácio de Margaret Mee e a trajetória da delicada pintora de orquídeas da Hileia Amazônica

Margaret Mee nasceu em 1909 na cidade de Chesham, no condado de Buckingham, na Inglaterra, e faleceu em 1988. Desde muito cedo evidenciou talento para a arte o que lhe possibilitou ingressar na escola de Artes de Watford. Mais tarde lecionou arte em Liverpool. Trabalhou como desenhista na de Haviland durante a Segunda Guerra Mundial. Foi admitida em 1947, para estudar arte, na *Saint Matins College of Art* no *Centre Scholl of Art* onde conheceu seu futuro marido, Greville Mee, artista gráfico. Estudou, também, na *Camberwell School of Art* na qual foi colega de Victor Pasmore (1908-1998), artista e arquiteto inglês.

Margaret Mee mudou-se para São Paulo, no Brasil, em 1952, e foi cativada pela paisagem vibrante do país tropical. Lecionou arte na Escola Britânica de São Paulo. Em meio a tropicalidade e rodeada por plantas e árvores fascinantes e empolgantes, Margaret sentiu-se compelida a capturar suas belezas admiráveis iniciando sua carreira como artista plástica. Especializada em desenho e design inicia as primeiras incursões em áreas urbanas da capital paulista e no litoral paulista, atrás de plantas nativas para ilustrar (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

Na primeira expedição pela Floresta Amazônica, em 1956, Margaret conheceu os habitantes locais que viviam às margens do rio Gurupi e passa por Belém, no Pará. Essa viagem inaugural à Amazônia lhe confere visibilidade no cenário cultural e artístico e 25 de suas pinturas integram a primeira exposição, na Casa da Cultura Inglesa, em São Paulo, em 1958. A divulgação de suas pinturas as abre portas para sua atuação como ilustradora botânica em trabalhos científicos. Em setembro de 1960, Margaret é contratada pelo Instituto de Botânica de São Paulo (IBt) para ilustrar o fascículo da família Bromeliacea da publicação *Flora Brasileira*. (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

Como ilustradora científica, o trabalho de Mee se desenvolve diretamente ligado ao dos botânicos Lyman Smith, do Instituto Smithsonian; Oswaldo Handro e Moisés Kuhlmann, ambos do Instituto de Botânica de São Paulo (IBt). Com esses pesquisadores, a artista adquire vasto conhecimento sobre as bromélias e finaliza a ilustração de várias espécies que serão publicadas em varias obras científicas. Algumas dessas ilustrações são utilizadas no livro *The Bromeliads – Jewels of*

The Tropics (As Bromélias - Jóias dos Trópicos) do norteamericano Lyman Smith, publicado nos Estados Unidos, em 1969 (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

Ao aliar, em suas representações, a ciência e a arte, Mee tornou-se uma das maiores ilustradoras botânicas do século XX e privilegiou, de forma apaixonada, as flora da Hielia amazônica. Em 15 expedições à Amazônia, produziu cerca de 450 pinturas da flora tropical, como orquídeas, bromélias e helicônias, entre outras plantas. Além das pinturas, Mee utilizava a caderneta de campo para fazer registros de sua percepção e em seus diários revela a admiração com que observava e sentia a natureza. Em um trecho de seu diário (em Gustávia, no rio Gurupi, em 1956) Mee escreve:

“Na primeira noite, penduramos nossas redes nas árvores que rodeavam um lago encantado. Eu não pude dormir porque prestava atenção aos sons mágicos da floresta adormecida. Somente as árvores dormiam, pois o lago estava acordado, borbulhante de peixes que saltavam, enquanto o coral de sapos intrometia-se no lamento triste dos pássaros noturnos”. (MEE, 2009, p. 14).

Em outra anotação registra, novamente, sua incansável contemplação para com a natureza: *“Entramos na floresta sozinhas, seduzidas por um campo de plantas maravilhosas: pontas brilhantes e vermelhas de Helicônia glauca (...) e a bela orquídea Gongora maculata, com sua longa inflorescência e seu poderoso perfume aromático equivalente a centenas de lírios”*.

As pesquisas e a vida de Mee, também, não se limitavam às expedições e viagens. Sua carreira teve continuidade em São Paulo no Instituto de Botânica de São Paulo (IBt) onde Mee colaborou de maneira fundamental para catalogar novas espécies de plantas e, assim, desenvolver a botânica, pois desenhava com riqueza de detalhes a flora brasileira e o *habitat* dos animais. Revelou e documentou várias espécies que não eram conhecidas e algumas levaram o seu nome, a exemplo, da *Aechmea meeana*, a *Sobralia margaretae* e a *Neoregelia margaretae*.

Em todas as suas pinturas, a fidelidade da forma e da cor sempre impressionou.

3.4 Margaret Mee, suas expedições e as flores da Floresta Amazônica

Margaret, acompanhada de sua amiga Rita, foi uma destemida pesquisadora da floresta tropical brasileira, além de uma notável artista botânica. Realizou 12 expedições pela Amazônia e, desde a primeira, em 1956, até a última em 1988, permaneceu firme ao enfrentar os perigos e manteve seu enorme entusiasmo pela flora inacreditavelmente rica da região.

Apesar das adversidades, Margaret conservava o foco em sua missão: buscar e registrar as belezas ocultas da floresta. A pesquisadora viajava com sacos plásticos, pequenas cestas e caixas nas quais mantinha as plantas que colhia, sempre preocupada com a sobrevivência delas na longa jornada para casa. Muitas dessas plantas terminaram nos centros de pesquisas de São Paulo e do Rio de Janeiro (MEE, 2009).

Segundo Malena Barretto, coordenadora do curso de ilustração da Escola Nacional de Botânica Tropical do Rio de Janeiro, Margaret sempre buscava registrar espécies botânicas representativas ou espécies raras e firma que a arte de Margaret, “além de encantar pela harmonia de formas e cores, também trouxe significativo avanço à ciência” (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO).

Entre as muitas expedições, Mee retornava para casa para terminar os esboços de suas pinturas, lecionar e cumprir compromissos de trabalho. As 15 expedições de Mee, realizadas em 32 anos, foram, assim, intituladas no diário de campo da pesquisadora: Gustavias no rio Gurupi, em 1956; Catasetums no Mato Grosso, em 1962; Heliconias à margem do Uaupés, em 1964/65; Cateleias na rota do pico da Neblina, em 1967; Heterostemons, ao longo do rio Marauíá, em 1967; Oncidium enfeitam o rio Memini, 1970; Neoregelia ao longo do rio Maués, em 1971; orquídeas nos rios Mamori e Marau, em 1972; Catasetums nos arredores de Manaus, em 1974/75; em busca da Qualea Azul perdida e do extinto rio Cauhy, em 1977; Loranthaceae no Arquipélago das Anavilhanas, em 1982; floresta perdida nas cercanias do rio trombetas, em 1984; A “flor-do-luar” no rio Negro, em 1988.

A última expedição de Margaret Mee na Amazônia tinha uma finalidade específica: encontrar a *Selenicereus wittii* e desenhar a flor, espécie de cacto que só floresce à noite e é endêmica na região do arquipélago das Anavilhanas. A planta tem seu nome científico dedicado ao colecionador N. H. Witt, que viveu na Amazônia no início do século XX e enviou algumas espécies à Europa, a fim de que fossem identificadas.

Esta planta, também conhecida como “flor-do-luar”, tem o seu nome popular inspirado na palavra grega *selene*, que significa lua, pois floresce somente à noite e por algumas poucas horas. A planta tem seu nome científico dedicado ao colecionador N. H. Witt, que viveu na Amazônia no início do século XX e enviou algumas espécies à Europa, a fim de que fossem identificadas.

Apaixonada pela floresta e com o objetivo de procurar a “flor-do-luar”, Margaret retornou ao rio Negro, em maio de 1988, ao completar 79 anos. Numa expedição bem planejada, ela parte pelo rio Negro até o arquipélago de Anavilhanas e, num igarapé, localiza plantas prestes a florir. Monta vigília e, pouco a pouco, a flor-da-lua, cumpre seu ritual: abre-se lentamente para a pintora, que a tudo documenta à luz de lanterna. A meia-noite, a flor está totalmente aberta e encanta a sua expectadora mais dedicada. A artista encerra seu trabalho as 3 horas da manhã, mas acompanha o ritual da flor até as 8 horas, quando a flor se fecha, para sempre e por completo (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO).

O registro de Margaret Mee sobre esse evento, em seu diário de campo, resume de maneira sublime o esforço *suis generis* da pesquisadora na construção do conhecimento por meio da representação e da descrição de dados observados. Margaret Mee escreveu:

“Ao permanecer imóvel, com o escuro contorno da floresta ao meu redor, me senti enfeitiçada. Neste momento, a primeira pétala começou a se mover, e outra após outra, enquanto a flor rompia para a

vida. Abria-se muito rapidamente. Continuamos assistindo, com a fraca iluminação de uma tocha e com a luz da lua cheia que subia pela orla escurecida da floresta. Nos primeiros estágios, a flor exalou um perfume extraordinariamente doce e ficamos todos fascinados com sua beleza e delicadeza. Para nossa surpresa, ela ficou enorme e totalmente aberta em uma hora” (MEE, 2009).

Além da tenacidade de atingir o remoto local onde a natureza a esperava, Mee dedicava uma amorosa contemplação à todas as criaturas em seu *habitat*. Ao seu objetivo inicial, a busca e registro da rica flora que cresce nas copas das árvores ao longo dos inúmeros grandes rios da Amazônia, Mee somou sua crescente preocupação com o saque comercial das grandes florestas. Margaret era uma conservacionista impetuosa e muito conhecida pelo seu ponto de vista contrário à exploração destrutiva da Floresta Amazônica. Segundo Gilberto Castro, velho amigo e proprietário do barco usado em algumas das expedições, relata: “Margaret era uma ecologista quando este termo ainda nem existia e defender a natureza não estava na moda” (FUNDAÇÃO BOTÂNICA MARGARET MEE (RJ).

A conservacionista impetuosa e a delicada observadora da “flor-do-luar”, em sua contemplação, expressa, também, um ser humano preocupado com a destruição da Amazônia. Nas anotações de seu diário de campo, esta realidade físico-espacial é relatada em linguagem estética, paisagística e romântica, e, expressivamente, preocupada com o futuro. Margaret Mee escreveu em seu diário, naquela mesma noite em que desenhava o desabrochar da “flor-do-luar” em seu *habitat*:

“ Enquanto desenhava, desejei que chegasse um polinizador, que os especialistas acreditam ser uma mariposa ou talvez um morcego. Nossa vigília durou toda a noite e cheguei à conclusão de que nossa intromissão acabou por importunar o equilíbrio desenvolvido durante de dezenas de milhões de anos. Esse distúrbio, no entanto, era muito pequeno em comparação com o que havia visto nos cursos do Amazonas, pois a floresta havia mudado consideravelmente e as plantas adoráveis que eu pintava ao longo do rio Negro haviam desaparecido. Lembra-me do entusiasmo de minha primeira viagem à região, entre as enormes árvores nas margens. A mudança havia sido desastrosa e a destruição e a queimada da floresta provocam incertezas para o futuro do nosso planeta” (MEE, 2009, p. 164).

A força do conhecimento deixado por Mee reside, talvez, na contemplação e na valorização da imaginação e do caráter intuitivo que a pesquisadora desenvolveu com maestria, com o apoio de imagens e símbolos, e assim, comunicar plenamente os fenômenos da natureza, com poesia. Por fim, Margaret Mee registrou:

“A “flor-do-luar” fechou-se antes do amanhecer. Pássaros deixavam seus ninhos e sobrevoavam as ilhas. Um tucano apareceu úmido de orvalho sobre a copa de uma árvore. Uma elegante garça pescava. É o amanhecer de um outro dia” (MEE, 2009, p. 164).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Questões que aproximam os procedimentos metodológicos de Alexander Von Humboldt com a obra de Margaret Mee

Um das primeiras questões, talvez a mais importante, que poderia aproximar Mee de Humboldt, diz respeito à prática do trabalho de campo.

Humboldt foi o primeiro na Geografia a realizar um trabalho de campo sistemático, no qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem. No entanto, Humboldt não se contentava com o ato de observar apenas, fato que poderia levá-lo ao empirismo, mas segue o trajeto de observar (contemplar com intuição), descrever, representar, refletir e teorizar.

A observação, para Humboldt, seria então o ponto de partida. Esta não ocorreria isoladamente, mas em conexão com objetividade do mundo exterior. Para desenvolver a observação era preciso “*distinguir entre a disposição do observador, e o engrandecimento ulterior do observado que é fruto da investigação e do trabalho do pensamento*” (Humboldt 1848a:20 apud ALVES (2005).

No exercício da observação Humboldt considerava essencial a contemplação da paisagem. A contemplação não poderia ocorrer de maneira fria, sem emoção, mas pelo contrário, a natureza é para ser observada com os sentimentos, isto é, contemplada de forma prazerosa. Para isso, Humboldt dizia que o observador deve deixar fluir toda a sua sensibilidade.

Para Humboldt 1848a:20 apud ALVES (2005) “a natureza é o reino da liberdade, e para pintar vivamente as concepções e os prazeres que sua contemplação profunda espontaneamente engendra seria preciso dar ao pensamento uma expressão livre e nobre em harmonia com a grandeza e majestade da criação”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **A obra de Humboldt e sua provável influência sobre a antropologia de Franz Boas**. In: GEOUSP. *Espaço e Tempo*. São Paulo, nº 8, p. 67-79. 2005.

BECKER, Elsbeth Léia Spode Becker. *História do pensamento geográfico*. Santa Maria: Pallotti. 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática. 2000.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed. 2009.

FUNDAÇÃO BOTÂNICA MARGARET MEE (RJ). www.jbrj.gov.br. Acessado em 31/10/2011.

INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO. **Os 100 anos da artista Margaret Mee**. www.ibot.sp.gov.br. Acessado em 23/11/2011.

MEE, Margareth. *Flores da Floresta Amazônica*. São Paulo: Escrituras. 2009. RICOTTA, Lúcia. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Muad. 2003.